

Música e identidade na “Suíça brasileira”: mito e verdade na construção das comunidades de Nova Friburgo, RJ

Marcus Wolff

Resumo

Pretende-se apresentar os resultados iniciais da pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares: Imagem, Memória & Identidade (NEIMI), da Universidade Candido Mendes (campus Nova Friburgo), grupo de pesquisa interdisciplinar que investiga a formação histórica, as imagens e sonoridades de Nova Friburgo, cidade da região serrana do estado do Rio de Janeiro, procurando considerar a retórica identitária contida nas narrativas audiovisuais e nas paisagens sonoras construídas ao longo do tempo pelos agentes sociais e também o modo como os discursos e representações sobre a identidade desse município têm sido construídos e reconstruídos segundo interesses diversos nos diferentes momentos de sua história. Até o momento atual, o grupo tem estudado a fundação da colônia de imigrantes suíços instalados na região em 1819, a decadência do núcleo inicial de povoamento, a chegada dos imigrantes alemães em 1824, as questões religiosas que envolveram católicos e protestantes em luta pela expressão pública de sua religiosidade, bem como o papel da música na construção da identidade local. Partindo da hipótese de que a música em suas diversas manifestações teve um papel central na construção da identidade friburguense, procura-se analisar as relações entre as comunidades de imigrantes que se instalaram na região, interpretando o mito da “Suíça brasileira”, construído pelas elites locais a partir de 1918, como parte da estratégia de ocultação tanto da presença marcante dos capitalistas alemães e posteriormente de nazistas e integralistas (que contaram com o apoio de membros de várias comunidades durante a década de trinta) quanto da presença da escravidão na região e das contribuições culturais dos afrodescendentes.

Palavras-chave: música e imigração; identidade friburguense; etnomusicologia.

Abstract

The aim of this paper is to present the initial results of the research carried by the *Núcleo de Estudos Interdisciplinares: Imagem, Memória & Identidade* (NEIMI) of *Universidade Candido Mendes* (campus Nova Friburgo), an interdisciplinary research group that investigates the historical construction, the images and sonorities of Nova Friburgo, city in the mountain region of the State of Rio de Janeiro. The research considers the identity rhetoric of Friburgo in audiovisual narratives and sound landscapes built over time by social agents and also the way the representations over the identity of this county have been constructed and reconstructed according to various interests in different moments of its history. So far, the group has been studying the foundation of the Swiss immigrants colony settled in the region in 1819, the decay of the primary settlement group, the arrival of German immigrants in 1824, the religious issues that involved Catholics and Protestants and their struggle for expressing their religiosity publically, as much as the role of music in their local identity. Assuming that music and its multiple manifestations have taken crucial part in the construction of the local identity in Friburgo, it's important to analyze the relations between the immigrant communities which were settled in the region, as well as the strategic creation and interpretation of the myth of “Brazilian Switzerland” held by the local elites from 1918 as an intentional hiding of the massive presence of both German capitalists, Nazis and Integralists (groups that were supported by many communities at the time during the 30's) and of the presence of slavery in the region and the cultural contributions left by afrodescendants.

Keywords: music and immigration; identity of Nova Friburgo; ethnomusicology.

Introdução

O projeto inicial do NEIMI pretende investigar, portanto, as narrativas identitárias e representações sobre Nova Friburgo, que muitas vezes se expressam através de suas manifestações culturais, contribuindo para uma análise crítica das mesmas. É importante salientar que o município conta atualmente com inúmeras manifestações culturais, algumas delas quase sesquicentenárias, como no caso de suas bandas de música e que tais manifestações têm produzido, desde o séc. XIX, processos de identificação que estiveram ligados a movimentos políticos como o monarquista e o republicano.

Também existem hoje, em número bastante significativo, grupos chamados de folclóricos com repertórios que se remetem às culturas dos imigrantes europeus, que se estabeleceram na região desde as primeiras décadas do século XIX. Pode-se destacar cerca de quinze folias de reis, quatro grupos de jogo e dois grupos de mineiro pau e outros grupos criados mais recentemente também são notados, como o Grupo de Sanfoneiros de Lumiar, distrito onde uma antiga banda (Euterpe Lumiarense) retomou suas práticas musicais recentemente. Tais práticas musicais serão analisadas na próxima fase de nossa pesquisa que até o momento tem procurado realizar um inventário desses grupos e de sua história.

Pode-se destacar ainda o carnaval, na contramão do mito da “Suíça Brasileira”, revelando a força cultural de antigos bairros operários e dos afrodescendentes na cidade, destacando-se as Escolas de Samba G.R.E.S Imperatriz de Olaria, G.R.E.S Acadêmicos da Saudade, G.R.E.S Vilage no Samba, G.R.E.S Alunos do Samba e G.R.E.S Unidos do Amparo. Dentro desse contexto serão analisadas as conhecidas e calorosas disputas pelo título de campeã do carnaval e o modo como algumas escolas de samba contribuem para a formação de identidades de grupos antagonicos e rivais.

Considerando, pois, essa diversidade cultural e étnica que funda o *imaginário*¹ da população local, pretende-se analisar de que modo a retórica identitária dos diferentes grupos foi construída a partir de suas inter-relações específicas; quais as suas formas de expressão; e quais os signos que melhor as têm representado. Cumpre ainda investigar como se articularam umas às outras ao longo da história, considerando-se a questão alemã², ou seja, a liderança da comunidade germânica na região, especialmente na primeira metade do séc. XX, passando por diversas mudanças até o momento em que seus representantes decidem criar uma “associação das colônias”, a ASCOFRI, em 2002, de modo a preservar a memória das comunidades, com suas danças e músicas, revalorizan-

¹Utilizamos a noção de *imaginário* como o conjunto de ideias, representações e interpretações que conferem sentido “à ordem e à desordem” do mundo, como também o conjunto de imagens através das quais “se perpetua uma história coletiva dos mitos” (GODELIER, 2007, p. 38).

²De acordo com Ricardo da Gama R. Costa (1997), a liderança da colônia alemã é devida à importância do capital alemão na montagem de fábricas têxteis, a partir do final da primeira década do séc. XX. À questão econômica deve-se acrescentar a criação da “Sociedade alemã de escola e culto” em 1921 que se manteve como centro difusor da cultura germânica na região até 1942, como fator que possibilitou que essa comunidade e seus líderes contassem com o apoio de membros das comunidades italiana, portuguesa, síria e da elite local, por algumas décadas.

do a chegada dos imigrantes suíços com a fundação da colônia inicial em 1819 e a diversidade de seus grupos migrantes.

A abertura de uma linha de pesquisa voltada para o campo artístico e musical vem de encontro aos interesses dos alunos-pesquisadores em compreender o papel dos signos artísticos, uma vez que as linguagens não verbais, sobretudo, como indica T. Turino (1988), geram fortes sentimentos de identificação. Assim, uma investigação acerca da produção artística mais recente da região e a avaliação dos critérios utilizados pela imprensa local para divulgar trabalhos de artistas, possibilitará a compreensão do modo como os artistas estão inseridos nessa sociedade na atualidade, bem como de seu capital cultural, simbólico, econômico e social³. O modo como o artista, enquanto criador de signos, contribui para reforçar ou negar algumas representações da cidade nos dias de hoje, também será investigado (no caso por alunos do curso de comunicação), com vistas a uma compreensão mais ampla dos motivos pelos quais alguns jornais da cidade têm elaborado notícias relacionadas à produção artística nativa de forma desigual, veiculando, na sua maior parte, trabalhos de artistas que possuem interesses específicos ou estão ligados a grupos de maior prestígio nessa sociedade.

Em relação à metodologia utilizada nessa pesquisa utiliza-se por um lado as ferramentas oferecidas pela análise semiótica de matriz peirceana articulada às reflexões e à prática de pesquisa de campo elaborada no campo das ciências sociais, buscando-se assim compreender de que modo as diferentes comunidades friburguenses produzem e utilizam signos (verbais e não verbais como a música, a dança e as artes visuais) para representar seus processos de identificação pessoais e coletivos. Por outro lado, iniciou-se um levantamento de diversas fontes (visuais, sonoras, escritas e bibliográficas), além de entrevistas junto aos membros das diversas associações ligados às comunidades e também pretende-se utilizar a observação participante nas pesquisas de campo a serem desenvolvidas pelos diversos pesquisadores envolvidos nesse projeto junto aos colaboradores oriundos das diversas comunidades pesquisadas. Em relação ao recorte temporal desta pesquisa focalizaremos nessa primeira etapa, o período que vai da formação histórica de Nova Friburgo (doravante NF) até a era Vargas.

Mapeando o campo da pesquisa e investigando seu passado:

Estudos preliminares apontaram que até as primeiras décadas do séc. XX havia uma ideologia racista, com vistas ao branqueamento da população brasileira que levava os governos monarquista e republicano a adoção de uma prática de completa abertura e incentivo à imigração europeia. Conforme nos indicam Fábio Koifman (2012) e Denni-

³No campo artístico, como em qualquer campo, para se tornar um agente é necessário, dentre outros requisitos, possuir diferentes formas de capital e para Pierre Bourdieu, não é o artista em si o responsável pela produção artística e de seu produto, e sim o conjunto de agentes desse campo, aqueles “que têm uma ligação com a arte, que se interessam pela arte, que vivem da arte e para a arte” (BOURDIEU, 1983, p.172).

son de Oliveira (2008), o discurso racista das oligarquias da República Velha atribuía o atraso brasileiro e os problemas do país à má-formação étnica da população.

É assim que nas comemorações do 1º centenário da fundação da colônia de NF em 1918, palestras proferidas por membros do IHGF (Instituto Histórico e Geográfico Fluminense) e de membros da Câmara dos Deputados na então capital da República como o jornalista Agenor de Roure apresentavam a fundação da colônia friburguense na antiga fazenda do Morro Queimado como parte de um amplo projeto de D. João VI com o objetivo de corrigir a “má formação étnica brasileira” decorrente da escravidão, responsável tanto pela caça aos nativos quanto pelo tráfico negreiro, vistas como “influências nefastas”, que vieram a se associar ao processo de transferência para o Brasil de criminosos e degenerados vindos do Velho Mundo. Assim, dentro dessa visão dos liberais da época, a intenção de D. João, ao introduzir colonos livres e brancos na região, teria sido a de promover o rápido progresso do país, forjando uma nova nacionalidade, com caracteres de uma “raça perfeitamente definida”, conforme aparece nas formulações de A. de Roure (*apud* COSTA, 1997, p. 47). Assim o chamado “plano de D. João VI” teria sido o de promover uma substituição dos núcleos de povoamento iniciais, formados por “homens sem vontade, sem liberdade e sem instrução” por “núcleos de homens livres”, formados por “europeus industriais” que preparariam o país para o progresso e o desenvolvimento econômico.

Assim, o chamado plano de D. João foi atrelado, pelo discurso dos liberais no começo do séc. XX, a uma política de branqueamento da população brasileira que desejava apagar a marca da cor negra, vista então pelas elites da República Oligárquica como algo indesejável, conforme demonstrou Renato Ortiz (1985).

É importante observar que, conforme demonstrou o historiador Ricardo da Gama R. Costa em sua dissertação (1997), o modo como os intelectuais ligados ao pensamento liberal da República Velha construíram o mito da “Suíça brasileira”, criando uma representação ideológica de NF que apagava a presença da população negra e também dos outros imigrantes que se dirigiram para a região ao longo do século XIX, utilizou-se de pretensos fundamentos históricos, que funcionaram como capital simbólico a ilustrar as ideias em torno das quais erigiam o seu projeto para o país. Dentre esses signos produzidos pela *intelligentsia* liberal podemos destacar o mito do “plano de D. João” ao qual atrelaram a imagem de um rei liberal, interessado no desenvolvimento da colônia portuguesa e propagador de ideias alternativas no campo da economia, perfeitamente compatíveis com a perspectiva liberal burguesa do começo do século XX.

A política de Estado de incentivo à imigração europeia iniciada por D. João VI e continuada durante a República Velha tornou-se, nos anos trinta, objeto de intenso debate na medida em que as discussões recaíram sobre o tipo de imigrante ideal e desejável para preencher os chamados “imensos vazios” do território nacional. Nesse debate, ideias eugenistas, em suas diferentes formas e expressões, ganharam espaço, sendo implementadas já no primeiro governo de Vargas, quando se iniciou o controle e a seleção das populações migrantes. Em discurso de Vargas, quando ainda candidato à presidência em 02/01/1930, era mencionada a necessidade de se obedecer a um “critério étnico”

na seleção desses estrangeiros, o que de fato foi realizado pelo Conselho de Imigração e Colonização, órgão ligado ao então Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

É importante observar que o discurso oficial estava afinado ao das publicações de vários intelectuais da época que durante os anos vinte haviam realizado intensa crítica à política liberal da República Velha, pois também esses críticos autoritários do pensamento liberal defendiam a matriz católica e portuguesa como critério étnico a ser adotado na seleção dos estrangeiros, de modo a evitar os problemas vistos como relacionados à ameaça de desfiguração e desnaturamento do chamado “povo brasileiro”. A partir daí, a política de livre imigração das antigas oligarquias da República Velha foram duramente criticadas e responsabilizadas pelo chamado “enquistamento” das minorias étnicas no país, vistas como ameaças à unidade nacional.

Assim, as comunidades de migrantes europeus de origem não ibérica passou a inspirar temores de ordem política, como demonstrou D. de Oliveira (2008) em seu estudo sobre as comunidades alemães do sul do Brasil. Segundo o autor, tais temores eram decorrentes de sua não assimilação à sociedade brasileira, já que procuravam manter sua identidade cultural ligada a seu país de origem. Mas também resultava das tentativas do governo alemão, após a chegada dos nazistas ao poder, de transferir a lealdade dessas comunidades para si. Tais temores por parte do governo brasileiro aumentaram ao longo das duas guerras mundiais, embora a Liga Pan-Germânica atuasse desde 1890 no sentido da manutenção da cultura e língua alemãs (então chamada de *Deushtum*) entre os emigrados.

No caso de NF, a comunidade germânica adquiriu enorme importância a partir das primeiras décadas do séc. XX, quando alguns industriais (Julius Arp, M. Falck e Otto Siems) foram responsáveis pelo início do processo de industrialização na região, contando com o apoio da elite liberal burguesa que se opunha ao poder dos antigos coronéis. Assim, no começo dos anos vinte criou-se a “Sociedade alemã de escola e culto” que declarava ter como objetivo “facilitar a integração à cidade de um novo contingente de imigrantes, famílias de operários alemães” que assim passavam a ter acesso à educação no espaço da Igreja Luterana, fundada em 1827⁴. Na verdade, essa Sociedade tornou-se um centro aglutinador e difusor da cultura germânica, funcionando aí uma escola para os filhos de operários (a maioria composta por alemães que já viviam na região ou que haviam chegado como prisioneiros durante a 1ª Guerra). A mencionada Sociedade também se tornou um centro recreativo e de lazer que procurava preencher o tempo livre dos operários com atividades religiosas, educativas e culturais, o que indica sua tentativa de controle além dos muros das fábricas. Até o momento não foi possível investigar os arquivos dessa entidade, encampada posteriormente pela SEF (Sociedade Esportiva Friburguense).

⁴ Segundo Armino L Müller (2003), a primeira capela luterana data de 1827, mas esta foi demolida a mando das autoridades, já que o Império não era um regime laico, mas atrelado à igreja católica. E somente em 1857 puderam construir a segunda capela na antiga Praça do Pelourinho (atual Praça Paissandú).

Mas, segundo Costa tornou-se evidente, nos anos trinta, a infiltração das ideias nazi-fascistas nessa Sociedade, “onde a colônia alemã se reunia com frequência [...] para comemorar o retorno de seu país à condição de potencia europeia” (Costa 1997, p. 77). Nossa investigação na imprensa local da época encontrou alguns registros de festas político-sociais nessa Sociedade organizadas por membros do partido nazista que tinham grande participação da elite local, notando-se a presença de muitos brasileiros e de membros da colônia italiana da região, sempre uniformizada a caráter para representar o partido de Mussolini. Há registros nessas fontes de números de dança, música e humor que animavam os presentes, dentre os quais destacavam os diretores da fábrica Ypu, que representavam o grupo friburguense ligado ao partido nacional-socialista alemão.

O papel das artes na Nova Alemanha era divulgado amplamente pelos maiores jornais de NF (“O Nova Friburgo” e “O friburguense”), de modo que a colônia alemã exercia um papel de destaque na cidade nos anos trinta, congregando mais de cem associados, dentre os quais havia proprietários, diretores e gerentes das principais fábricas da região, que forneciam à imprensa local amplo material em defesa do nazismo. Segundo Costa (1997) nas suas comemorações a Sociedade conseguia atrair membros da Igreja Católica, de entidades ligadas a ela (como o Colégio Anchieta, considerado um dos melhores do país), diretores da Associação Comercial da cidade e da Liga dos Proprietários, autoridades municipais e até membros do sindicato dos trabalhadores.

A construção da sede social da Sociedade Alemã em 1935 em local afastado da Igreja Luterana parece indicar uma divisão da comunidade germânica de NF, que chama o pastor Eduard Schlupp, em 1937, para tentar solucionar os problemas decorrentes da infiltração nazista, conforme indica Müller (2003). A percepção dessa divisão da comunidade germânica de NF torna o nosso campo de pesquisa mais complexo e nos impede de cair em interpretações binárias ou dicotômicas, nos colocando diante dos dilemas das comunidades que enfrentaram processos de identificação diversos, ora aproximando-se do país de origem, ora do país de chegada.

De qualquer modo, o decreto de 1938 do Estado Novo, através do qual o governo de Vargas proibia que estrangeiros exprimissem ideias partidárias ou se organizassem em associações que tivessem sede no exterior, deu a nota-chave para essa comunidade, já que deu início às campanhas de nacionalização compulsória que impuseram a obrigatoriedade do ensino em português em todo o país, tanto nas escolas públicas quanto nas privadas. Ainda em 1938, a Sociedade Alemã procura escamotear suas atividades divulgando, através dos jornais locais, que passava a ter como principais objetivos os esportes, reuniões de caráter cultural e estético e o estímulo às relações de amizade entre brasileiros e alemães.

Após abril de 1938 os interventores nos estados do sul do Brasil deram início a uma nova fase da política de nacionalização compulsória dos “quistos” de imigrantes. No estado do RJ, em 1935, o interventor havia nomeado Dante Laginestra, um ex-delegado de polícia de origem italiana, como prefeito da cidade. A ofensiva do governo em direção a um reforço do autoritarismo, contou também com a repressão policial que

passa a ser usada contra o movimento operário e várias organizações locais, incluindo a Sociedade Alemã e os integralistas, mas também seus oponentes (comunistas, ex-tenentes e socialistas), alguns deles ligados à banda Campesina Friburguense, como Joaquim Naegle, maestro e compositor nascido num distrito de Cantagalo, município próximo a NF, que havia estudado no então Instituto Nacional de Música da Universidade de Brasil com Francisco Braga.

Assim, enquanto a banda centenária Euterpe Friburguense homenageia o ditador em suas passagens por Nova Friburgo nos anos quarenta, Joaquim Naegle, maestro e compositor da Campesina compunha, no DOPS em Niterói, a sinfonia “Voz do cárcere”, inspirado nos lamentos produzidos ao longo da noite pelos doentes mentais de um hospital psiquiátrico, cujas sons chegavam ao presídio através das grades. Ao sair da prisão Naegle decide fazer uma apresentação dessa sinfonia com sua banda em praça pública, afirmando seu desejo de lutar contra toda forma de repressão, em particular contra aquela do Estado Novo, conforme relata Costa (1997).

A partir dessas investigações preliminares pretendemos verificar em que medida as campanhas de nacionalização de Vargas incidiram sobre as comunidades pesquisadas, sua cultura e seus processos de identificação no sentido de promover sua assimilação e um enquadramento disciplinar, utilizando diversos dispositivos para isso – desde a censura e repressão diretas até formas mais sutis realizadas através da música, dos cantos orfeônicos e do apoio a algumas bandas e compositores tornados oficiais em detrimento de outros, perseguidos pelo regime.

Conclusões Preliminares

Partindo-se do princípio de que é no respeito à diferença que se adquire uma efetiva igualdade de direitos, pretende-se com este projeto propiciar uma reflexão que ultrapasse as fronteiras acadêmicas e encontre ressonâncias na sociedade. Mais que de indivíduos isolados, culturas substancializadas ou identidades reificadas, trata-se de pensar a relação com outrem – em sua dimensão lógica, simbólica, social – constitutiva de todo indivíduo e sociedade possível compreendendo como tais relações no momento atual resultam de um processo histórico longo, que remonta às políticas racistas praticadas pelo estado brasileiro durante mais de um século, culminando com o advento do Estado Novo, período no qual as estratégias governamentais procuraram apagar as diferenças, atuando de diversas formas sobre as comunidades de imigrantes, interferindo inclusive em sua produção cultural e musical, de modo a ratificar relações de poder assimétricas entre as comunidades e indivíduos que compunham a sociedade brasileira.

Ao final, ao elucidar tais fatos espera-se dar um retorno às comunidades friburguenses, contribuindo para que conheçam melhor sua própria história, seu patrimônio imaterial, seus problemas no passado e na atualidade, seus grupos marginalizados, de modo a buscarem novas soluções e representações de si e dos outros, especialmente no que diz respeito à contribuição de grupos marginalizados e esquecidos no processo de construção da “ordem moderna”. Esta é, em última instância, a proposta do projeto do

Núcleo de Estudos Interdisciplinares: Imagem, Memória & Identidade (NEIMI) da Universidade Candido Mendes (UCAM-NF).

Referências

ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, *Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça brasileira (1910-1960)*. Niterói. 2003. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense – UFF.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. *Visões do paraíso capitalista: hegemonia e poder simbólico na Nova Friburgo da República*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1997. Niterói, UFF.

GODELIER, M. *Au fondement des sociétés humaines. Ce que nous apprend l'anthropologie*. Paris, Éditions Albin Michel, 2007.

KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal: o ministério da justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MÜLLER, Armindo. *O começo do protestantismo no Brasil*. Porto Alegre, Est editora, 2003.

OLIVEIRA, D. de. *Os soldados alemães de Vargas*. Curitiba: Juruá, 2008.

_____. *Os soldados brasileiros de Hitler*. Curitiba: Juruá, 2008.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Fontes Primárias

Jornais digitalizados pela Fundação D. João VI (Departamento Pró-Memória da Secretaria de Cultura de Nova Friburgo)

“O Nova Friburgo”. <www.djoaovi.com.br> Acesso em 04 março 2013.

“O Friburguense”. <www.djoaovi.com.br> Acesso em 05 março 2013.